

De menina à mulher: metamorfoses do feminino

From girl to a woman: female's metamorphosis

Marília Nascimento Engleitner¹

“ Considerando a rosa como símbolo universal do amor, podemos também olhar aquilo que precede e prepara a flor – não apenas o caule e as folhas, mas as raízes, intrometidas no solo da mãe terra, rica de nutrientes e, no entanto, fervilhando de minhocas e lesmas e abundante de possibilidades. Devemos olhar a roseira inteira” (H. Wrye & J. Welles, 1993)

Resumo: O presente artigo tem por objetivo o estudo da constituição do gênero feminino, tendo como malha teórica a metapsicologia freudiana desde a sexualidade. Da mesma forma, abordará o imaginário fálico como significante de desejo e sua relação com o erotismo e masoquismo originário. Para tanto, utilizaremos o filme: "A Pequena Sereia", como metáfora da constituição do vir a ser mulher, o que mostra o processo psíquico extremamente intenso de subjetivação, desde a representação do corpo até o processo de simbolização, para a celebração e sublimação do feminino.

Summary: The present article aims at studying how the female gender has been composed having as theoretical bases the Freudian metapsychology sexuality. In the same way, it will deal with the phallic imaginary as significant of desire and its relation with the erotism and originary masochism. For that the film "Little Mermaid" we'll be used, as metaphor for the woman's development, which shows the extremely intense psychic of subjectivity, since body representation until the symbolization process for the celebration and feminine sublime action.

Descritores: Gênero feminino; Adolescência; Desejo; Pequena Sereia.

Keywords: Female gender; Adolescence; Desire; Little Mermaid.

¹ Psicóloga. Aluna do Curso de Pós-Graduação em Psicoterapias no Contemporâneo: Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade, Porto Alegre, 2007. Endereço para correspondência: mar.nascimento9@yahoo.com.br

O processo de vir a ser mulher implica um re-posicionamento diante da vida, uma reconstrução do seu lugar de desejo ao responder de um outro lugar, que não aquele da infância. Para tanto, a adolescente usará distintos caminhos ao longo do desenvolvimento. Tal processo de desenvolvimento e maturação é longo e sujeito ao ressurgimento de conflitos oriundos das pulsões do inconsciente humano.

Nosso interesse neste escrito é pensarmos o desenvolvimento do gênero feminino na menina, para isso recortaremos contribuições de autores, que nos mostram aspectos do desenvolvimento primitivo da criança no vínculo com seus pais. Da mesma forma, ilustraremos através de alguns fragmentos do filme: “A Pequena Sereia”, aspectos relativos às transformações psíquicas e físicas que se desenvolvem na adolescência.

É sabido que o gênero inscreve-se na mente da criança em épocas primitivas da relação mãe-bebê, e que durante o 1º ano de vida os elementos de masculinidade e feminilidade serão mediado ambos, pela mãe, na interação precoce que estabelece com seu filho ou filha (GRANA,1996). No contexto vincular primitivo, a intervenção paterna direta é menor e, mesmo que o pai se ocupe em algum momento de prover os cuidados do bebê, estará desempenhando uma função materna. Cabe indagar-nos que lugar ocupa o pai – como representação – na cabeça da mãe (GREEN, 1990). Deverá haver colocação psíquica (espera-se), para as representações de gênero feminino que, veiculadas nesta relação inicial, permitam a menina produzir, em épocas primitivas, proto-representações ou proto-identificações femininas que permitirão posteriormente alicerçar a constituição de sua identidade sexual na relação real e fantasmática que irá estabelecer com seu pai.

De outro modo Mc Dougall (1997), aponta que a descoberta da diferença sexual contribui para a representação, lentamente adquirida, de um gênero nuclear. Sobre essa base a criança virá a identificar-se como “masculina” ou “feminina”, por meio de representações mentais que, mais do que provenientes de dados biológicos são predominantemente criadas pelas injunções do inconsciente biparental e pelos conceitos transmitidos pelo ambiente social e cultural aos quais os pais pertencem.

Cabe lembrar que a subjetividade humana se constitui a partir do polimorfismo sexual infantil, sendo assim, primeiramente a criança irá desejar a mãe, em seguida o pai. Neste cenário, irão sendo estabelecidas as primeiras identificações ao nível do processo

primário, que culminarão na adolescência, com o processo de ressignificação pulsional, escolha objetal e circulação do desejo a partir da falta primordial. A menina ou adolescente se constitui a partir desses referenciais e terá que processar a fantasmática familiar de alguma forma e compreender o desejo velado de seus pais e o que significa aos mesmos, dando curso ao seu destino e escolhas futuras.

Conforme as considerações abordadas a menina terá de abandonar esse primeiro objeto, a mãe e buscar seu senso de integração, bem como de realização, da sua feminilidade, voltando-se para o pai; isso sempre segue uma decepção com a mãe. Dessa forma, é possível em alguns casos, que por problemas narcísicos, a mãe seja levada a manter um vínculo de objeto parcial com a filha. Tais vítimas podem, algumas vezes, tornarem-se dominadoras, caso em que “outro” filho ou amante é tratado como objeto parcial.

A dissolução, pela menina, da dependência passiva da mãe seria uma pré-condição para o desenvolvimento normal da feminilidade; essas “ações de separação” são típicas da primeira adolescência. “Uma tentativa pré-púbere de libertação da mãe, que falhou ou foi demasiado fraca, pode inibir o crescimento psicológico futuro e deixar uma marca definitivamente infantil em toda a personalidade da mulher”, aponta Helene Deutsch (apud BLOS, 1988).

Tais considerações são importantes para nossa compreensão do tema proposto, pois a angústia de castração vivida ao nível imaginário, poderá levar a menina ao retorno a mãe pré-edípica, caso a função paterna exercida na família não possibilite à mesma a simbolização da castração. Destacar o falo do corpo, configurando a passagem do desejo de ser o falo para tê-lo, marcaria a inscrição do sujeito na lógica fálica e no campo do desejo.

Será importante para compreendermos a constituição do feminino, abordamos alguns aspectos sobre teoria da sexualidade. Pois desde a metapsicologia freudiana, aparecem os diferentes passos conceituais que conduziram à problemática da feminilidade como solo originário da subjetividade.

Apontamentos sobre a teoria da sexualidade

A psicanálise desde Freud em 1905, nos três ensaios sobre a teoria da sexualidade, busca esclarecer que os objetos do desejo sexual não são inatos, mas tem que ser “encontrados” propôs também que os sentimentos do self e de orientação sexual, ainda que estabelecidos no início da infância tem que ser “redescobertos” em sua força total logo após a puberdade.

Freud tratou a questão do feminino como um enigma, ou melhor, como um continente negro, onde o sujeito infantil feminino desenvolve um Complexo de Édipo, um superego, um período de latência, um complexo de castração e uma organização fálica, da mesma forma que o sujeito infantil masculino, contudo com variantes de desenvolvimento conforme a diferença morfológica. Segundo Freud, a anatomia é o destino.

Na fase fálica da menina está ausente o temor à castração, pois sabe que não tem o pênis, entretanto acredita que vai crescer assim, em lugar das proibições internas haverá proibições externas: a educação, a intimidação, o medo de não ser amada tanto pela mãe quanto pelo pai (SALAS ,1990).

“ A renúncia ao pênis não é suportada sem a tentativa de uma compensação. A menina passa - poderíamos dizer que seguindo uma comparação simbólica – da idéia do pênis a idéia da criança. Seu Complexo de Édipo culmina no desejo, retido durante muito tempo, de receber do pai, como presente, uma criança, ter com ele um filho. Experimentamos a impressão de que o complexo de Édipo (da menina) é abandonado após, lentamente porque este desejo não chega a se cumprir. Os dois desejos, o de possuir um pênis e o de ter um filho, perdem no inconsciente intensamente carregados, e ajudam-na a preparar-se a menina para seu ulterior papel sexual” (FREUD. Vol . XVII. 1924.p.223).

Outros autores consideram a hipótese de que a angústia de castração feminina é mais intensa e mais penetrante do que a do homem, visto que os temores da mulher estão centrados no corpo inteiro, como um foco especialmente forte no “espaço interior” no qual são experimentadas as sensações genitais. Em ambos os sexos, há uma acentuada angústia em torno dos desejos e das fantasias genitais edipianas, mas também uma profunda

insegurança a propósito da identidade subjetiva. Tal insegurança acompanha-se de fúria e violência, que também tem que ser contidas na invenção sexual.

A menina entra no Édipo com a constatação de que todos, por estarem propensos a perder, podem ser chamados de castrados, inclusive o pai. Em vista disso CALLIGARIS (2005) esclarece que a futura mulher é identificada e se identifica a partir de algumas gotas de sangue, no sentido mais figurado, como uma metáfora para começar a falar do corpo da mulher. Esse corpo imaginariamente vivido como faltoso e retalhado. Esse corpo definido inicialmente por uma espécie de imaginária ablação cirúrgica, reforçada pela idéia de uma ferida que nunca cicatriza e, periodicamente, sangra.

De outro modo, a mulher poderá aceitar-se em sua singularidade, a partir de seu sexo, vê-lo com potencialidades, também deverá aceitar os limites do tempo, as imperfeições da carne e cartografar a seu modo novos espaços de criatividade.

Falo Imaginário

Pensamos ser importante revisarmos o conceito sobre o falo imaginário, a fim de compreendemos, as posições teóricas que ao longo do tempo foram se desenvolvendo, recortando ângulos distintos, bem como, para compreendermos a alteridade que se configura na relação entre os aspectos femininos e masculinos.

Para Freud, o temo falo, que ira surgir diversas vezes, a respeito dos símbolos fálicos no sonho, a respeito da organização fálica, serve para afirmar o caráter intrinsecamente sexual da libido. A ênfase dada ao adjetivo fálico corresponde a uma posição teórica essencial, por parte de Freud: a libido é essencialmente masculina, mesmo na menina pequena. Já para Lacan, se trata da assunção, pelo homem, de seu sexo. No artigo “A significação do falo” (1958), publicado em Escritos (1966) , Lacan de imediato aponta o papel simbólico do falo no inconsciente e seu lugar na ordem da linguagem (CHEMAMA, 1995).

A noção de falo em psicanálise se identificaria com a de falo, condensação maior das idéias de perfeição, completude e atividade. Freud pensava inicialmente na categoria do

belo quando enunciou o conceito de sublimação, destacando a dimensão de dessexualização da pulsão conjugada a noção do mesmo objeto pulsional. Isso porque seria o erotismo que obscureceria a luminosidade das idéias claras e distintas. Agora, no entanto, o que está em pauta é a noção de que sublimar implica em encontrar novo objeto para a pulsão, pela qual a erogeneidade se realizaria fora do registro do belo, no qual o falo seria rompido tanto em suas fronteiras quanto na sua exaltação pela sublimação, de acordo com a concepção Kantiana de ação sublime com ultrapassagem de limites (BIRMAN, 2001).

Partindo da idéia de Freud que há só uma libido como energia ativa, e não uma libido masculina e outra feminina, como tão pouco uma pulsão feminina (que levaria ao objeto homem) e uma pulsão masculina (que levaria ao objeto mulher) perguntamo-nos então: Quais os elementos que contribuem para a constituição do vir a ser mulher?

A partir dos aspectos referidos, Freud (1915) mostra que:

Deve-se ter em conta que os conceitos “masculino” e “feminino”, cujo conteúdo parece tão inequívoco para a opinião vulgar, são o ponto de vista científico, extraordinariamente complexos, podendo ser empregados pelo menos em três sentidos diferentes. Usam-se com efeito, algumas vezes como equivalentes às idéias de atividade e passividade; outras num sentido biológico, e outras, em fim, num sentido sociológico. A primeira destas significações é a essencial e a única utilizável na psicanálise. A ela nos referimos, quando falamos de uma libido “masculina”, pois a pulsão é sempre ativa, mesmo naqueles casos em que se propõe um fim passivo”. (Vol. XVII. 1924.p.207).

A diferença sexual tem assim, seu fundamento na anatomia, no movimento da pulsão (atividade – passividade) e na escolha de objeto. Cabe a cada um, a partir da herança adquirida encontrar sua própria via e desse modo sair dos impasses de seu passado com uma noção de seus limites, das suas potencialidades e de suas capacidades criativas.

Conforme mostramos, a anatomia apresenta-se como um porto de diferenciação entre um homem e uma mulher, que permite a mulher dar à luz a um filho. Isso se mostra como algo singular, ou se não desejar dar à luz, configura-se a questão, ser filha de uma

mulher, como o corte vai se estabelecer e os destinos disso não sabem, será estabelecido a partir da história singular de cada uma. Para muitas mulheres o nascimento de um filho configura-se como um momento de felicidade, de outro modo, podemos pensar como nos aponta BERGÉS & BALBO (1997), que se configura como algo traumático. Abordamos este ponto para compreendermos a questão fálica na mulher.

Para os autores referidos, a questão do falo entre a mãe e o filho, nasce desse trauma; fusão e díade nada mais são do que negação, assim com é sua reparação para o fato, para uma mãe, de fazer do filho seu pênis. O falo não é um pênis, mas significante do desejo. Ainda é preciso, que esta mãe tenha um desejo: se seu filho for um objeto fálico que a preenche, não é senão um objeto parcial, que vai verificar a conhecida equação Pênis=filho, como se o objeto fálico pudesse subsumir todos os outros objetos parciais. Entra em jogo então, a capacidade da mãe de diferenciar falo de pênis, para demonstrar sua teoria sexual infantil, a saber, que é um objeto parcial, que põe em ação a procriação e que não há origem. Se a mãe não faz referência ao pai em seu discurso, há confusão entre falo e pênis, confusão entre função e funcionamento.

É no terreno das referências freudianas que Lacan sistematizou a problemática fálica como fundamento da teoria analítica. Com Lacan, precisamente, o falo seria instituído como significante primordial do desejo na triangulação edípica. O processo do Complexo de Édipo se dará, então, em torno da localização respectiva do lugar do falo no desejo da mãe, da criança e do pai, no curso de uma dialética que se desenvolverá sob a forma do “ser” e do “ter”(Dor, 1989).

O processo da metáfora paterna está estruturalmente ligado à situação edípica, da qual ele constitui de certa forma o ápice resolutorio. A expressão teórica que Lacan dá ao Complexo de Édipo insiste em recentrar-lhe a significação no único registro em que Freud nos mostrou que era inegável, esse registro faz parte não apenas do âmbito da captura imaginária, mas também do ponto de ancoragem, onde essa captura imaginária se enlaça à dimensão do simbólico.

De outro modo, a nova constelação metapsicológica converge para a leitura do masoquismo, reconfigurada no discurso freudiano em “O problema econômico do masoquismo”, em 1924. Para Freud, o masoquismo seria anterior, lógica e historicamente,

ao sadismo, já que este seria uma defesa e uma derivação do masoquismo. Assim, o reconhecimento de que o masoquismo seria originário e não mais derivado seria o reconhecimento flagrante, pela psicanálise, de que as intensidades, a força pulsional, a pulsão de morte e a afetação estariam na origem (BIRMAN, 2001).

O masoquismo erógeno seria constitutivo do auto-erotismo e da experiência alucinatória de desejo. Com efeito, no masoquismo não existiria absolutamente referencial fálico como mediação do desejo, como operador substitutivo deste. Ao contrário, o falo como psíquico, se tornaria presente somente nas modalidades moral e feminina do masoquismo, formas que seriam, aliás, de defesa contra o masoquismo erógeno e o auto-erotismo. A feminilidade seria, enfim, um outro nome para denominar o masoquismo erógeno, maneira do sujeito lidar com as intensidades e com as forças pulsionais, sem se valer e precisar necessariamente do referencial fálico.

Lançar-se no mundo para realizar seus desejos, sem perder a feminilidade e o erotismo são delineamentos possíveis para o sujeito na contemporaneidade, na qual a sublime ação implica a ruptura do humano circunscrito ao território da perfeição e da completude pautada no ideal fálico. Enfim, assunção da feminilidade pelo sujeito, enquanto sublime ação, implica em não se fugir da dimensão erótica e intensiva dessas pulsões e de que isso nos faria humanos, demasiado humanos.

Tais considerações lançam luz ao complexo desenvolvimento da subjetividade feminina como um mistério. Cada mulher se constitui como única a partir de sua subjetividade e compete a cada uma percorrer seu próprio tempo e apropriar-se de suas memórias inscritas no seu corpo e representações.

Segue-se assim, em relação às considerações abordadas, uma ilustração da travessia da menina adolescente, a partir do filme “A pequena Sereia”, escrita por Hans Christian Andersen² e reconstruída pelos clássicos da Disney . O filme desenvolve-se primeiramente num cenário particular, que é o fundo do mar, ou de outro modo poderíamos

² Hans Christian Anderson viveu entre os anos de 1805 até 1875, escreveu a história da Pequena Sereia, nesta a princesa-sereia não consegue adaptar-se a vida palaciana, impossibilitada de falar não consegue ir ao encontro das necessidades do príncipe. Assim, as irmãs tentam socorrer-la utilizando a persuasão, para tentar convence-la a anular os seus desejos e regressar à vida anterior em vez de orientá-la a transferir os seus desejos para outro objeto possível ou tentar desenvolver nela as capacidades que lhe faltam. A não aceitação do próprio corpo, perturbação pela mudança, déficit de comunicação levam-na a obsessão e suicídio. Neste artigo, porém, utilizamos a nova versão reproduzida pelos clássicos da Disney.

pensar, no fundo de nosso inconsciente, onde nada é o que parece ser, assim as imagens nos envolvem as cenas. Trata-se de um filme que convida a reflexão sobre o tema proposto.

Alguns fatos

A pequena sereia, que se chama Ariel é uma adolescente de 16 anos, deseja ardentemente sair de sua condição de sereia e viver sua vida na terra, integrar-se na comunidade humana. Assim, apresenta um comportamento de rebeldia, enquanto desafia o seu pai, o rei Tritão, ao não comparecer ao ritual de apresentação no reino junto com suas irmãs e decide por continuar com as buscas de tesouros encontrados no fundo do mar. Para isso, conta com o apoio do peixe Linguado, seu melhor amigo. Ariel contará ao longo do filme, com a ajuda de outros amigos, como: Sabidão (o pássaro) e Sebastião (o caranguejo).

No momento em que se apaixona pelo príncipe Éric decide tudo fazer para conseguir encontrá-lo. Há uma cena no filme, em que o navio do príncipe naufraga, Ariel o salva e diz para si mesma: ”- A única coisa que sei é que serei tua”. O filme continua e Ariel tenta encontrar alternativas para ir ao encontro do príncipe, alia-se assim, a bruxa dos mares, representada pela medusa, esta propõe que lhe dará as pernas em troca de sua voz, o que Ariel aceita.

Ariel faz o sacrifício, entrega sua voz para a bruxa, contando que o príncipe se apaixonaria por ela e a beijaria, até o terceiro dia antes do pôr do sol, conforme suas combinações com a bruxa, caso contrário ficaria entregue ao poder da medusa. Posicionar-se nas próprias pernas é um constante desafio para Ariel.

Num primeiro momento o beijo não acontece no filme, a bruxa hipnotiza o príncipe para tomar o reino de Tritão. No entanto, no filme, Ariel recebe ajuda de seus amigos: Linguado, Sabidão e Sebastião, que de algum modo ajudam Ariel. O príncipe se livra do domínio da bruxa salvando Ariel do poder da medusa.

O rei Tritão acaba por aceitar, o desejo da filha, em se torna humana e diz para Sebastião que a única coisa que sentirá muito é a falta que esta lhe fará. O rei amava muito esta filha, havia um espaço de desejo no coração deste pai, ao menos no filme, que permitiu a Ariel seu re-posicionamento diante de suas escolhas.

Alguns efeitos

É uma história que ilustra alguns aspectos relativos ao processo de ressignificação interna que uma adolescente poderá viver, ao longo do seu desenvolvimento, para vir a ser mulher. Há um jogo simbólico no filme em que os personagens representam o mundo interno de Ariel, onde o bem e o mal existem lado a lado.

Cabe lembrar, que no filme Ariel entrega sua voz a bruxa em troca de suas pernas, trata-se de um momento muito simbólico, pois retrata que a adolescente foi ferida mais do que teve palavras, correu o risco de ficar engolfada pelas garras de suas identificações com a mãe pré-edípica ou fálica. Não fosse sua formação reativa de se dirigir ao encontro do príncipe e encontrar ali um olhar de desejo, significação e aceitação.

Muitas adolescentes, nesse momento de passagem, perdem a voz, permanecem subjugadas a uma posição de não autorização interna, numa posição de a-sujeitadas a um outro que decifre seu enigma. Ou de outro modo, devido às dificuldades relacionais internas e externas permanecem numa posição de submissão.

A progressão edípica positiva da menina nem sempre é tranqüila. Ela depende em parte da natureza e até onde o pai é responsivo a ela, agora que ela alcançou uma relação triádica. Outro obstáculo da progressão edípica da menina são seus sentimentos em relação à mãe (Tyson, P&Tyson, R. 1993). As dificuldades em resolver conflitos de reaproximação podem retardar a progressão edípica, levando a menina a permanecer ligada a mãe pré-edípica devido à inveja ou culpa consciente sobre seus desejos edípicos, porque teme a perda do amor da mãe. Além disso, o fato da formação do superego começa cedo na menina, em resposta aos esforços para resolver conflitos de reaproximação. A idealização de sua mãe e autocrítica de introjeções severas, também podem levá-la a retornar a essa ligação precoce com a mãe. Predomina assim traços de submissão, complacência e masoquismo.

No filme, não sabemos da relação de Ariel com a mãe, pois esta não se mostra na trama pelo viés de uma imagem-realidade. Poderemos pensar nessa mãe simbolicamente, amorosa quando representada pelos amigos: Sabidão, Sebastião e Linguado. Ou, de outro

modo, pela mãe voraz e persecutória, a Medusa, a bruxa dos mares. No filme, vemos que Ariel atingiu um sentido de feminilidade e liberdade para escolha objetal positiva, pois conseguiu dar significados ao seu desejo, representá-lo de alguma forma, através da fala / falo, da aquisição das pernas, configurando-se simbolização da castração e aceitação de sua condição singular enquanto mulher.

Cabe sublinhar, a importância dos amigos referidos anteriormente, os quais proporcionaram a Ariel, confiança e dedicação (holding). Assim o “estar com”, permitiu a mesma, desenvolver-se de forma intersubjetiva e buscar sua realização para além do âmbito familiar.

A feminilidade pode ser pensada como um movimento bastante complexo do pensamento freudiano que, da pulsão como força, passando pelo conceito de pulsão de morte e de angústia real, realizaria finalmente um esboço do sujeito marcado pelo trauma e pelo masoquismo erógeno, como engendrades fundamentais de subjetivação. A feminilidade enquanto sublime ação indicaria as potencialidades humanas com a erogeneidade e para experiência da criação, na qual se reconheceria implicitamente que a subjetividade seria, pois, imperfeita, incompleta, inconfusa e finita. Enquanto potência de vir, e vir a ser, o sujeito seria, enfim, sempre algo tosco e rude, marcado que seria pelo pouco nobre carnalidade e fadado ao permanente e insistente recomeço da existência (BIRMAN, 2001)

Sendo assim, conforme iniciamos nossos questionamentos sobre o vir a ser mulher, pensamos que os significantes da identidade sexual situam, imaginariamente, no romance familiar, as figuras do pai e da mãe, do homem e da mulher. Assim, o masculino e o feminino colocam-se como alteridades simbólicas para que o sujeito às voltas com os descaminhos de seu desejo possa traçar significados para sua própria história.

No filme “A Pequena Sereia”, entendemos que a voz a curou e, sem ela, Ariel não poderia ressignificar sua vida e integrar-se na comunidade humana, mesmo tendo as pernas oferecidas pela bruxa. Assim, as palavras curam. Freud re-posicionou, de forma inaugural esse saber desde sempre existente na humanidade. “No princípio era o verbo”, os sonhos, as fantasias e os atos falhos. Em tempos que nos convocam a invenção, podemos

retomar algumas vezes nossos desejos para reforma e formação do espírito até podermos dizer: Eu sou!

Referências bibliográficas

BERGÈS, Jean; BALBO, Gabriel. **A criança e a psicanálise: novas perspectivas**. Porto alegre: Artes Médicas, 1997.

BLOS, Peter. **Adolescência uma interpretação psicanalítica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CALLIGARIS, Eliana dos Reis. **Prostituição o Eterno Feminino**. SP: escuta, 2005

DOR, Joël. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

GREEN, A. **Conferencias brasileiras- metapsicologia dos limites**. Rio de janeiro, Imago, 1990.

GRAÑA, Roberto B. **Além do desvio sexual**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MCCOUGALL, Joyce. **As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicoanalítica da sexualidade humana**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SALAS, Olga. **A feminilidade: uma revisão da fase fálica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

SIGMUND, Freud. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas- 2º ed.** Rio de Janeiro.vol. VII:IMAGO EDITORA LTDA,1989.

_____Dissolução do Complexo de Édipo. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas-2º ed.** Rio de Janeiro.vol.XIX:IMAGO EDITORA LTDA,1989.

Tyson, P.& Tyson. R. **Teorias psicanalíticas do desenvolvimento: uma integração**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993

